



medo, é cuidado, é tensão, é prédio, é aprendizagem, é perturbação, é pouso, é partida. É tudo isso, ou, um pouco disso, ou, nada disso.

Quando escrevemos “escola”, falamos de tempos-espacos multiplicados, sem nomes, sem geolocalização, sem perfil específico, sem rostos definidos. Pode ser qualquer escola, em Guarapari/ES ou em qualquer lugar deste país. Escolinha, colégio, grupo... rua, comunidade, casa, rede. Escolas. Não dá para reduzir toda essa imensidão em uma simplificação, pois a escola abarca muitos signos, muita coisa, muita gente, muita vida...

Escrever com a escola não é tarefa fácil, assim como não é simples pesquisar com ela. São atitudes que se assemelham na maneira pela qual ambas demandam de nós uma procura constante, mas que nem sempre está associada ao encontro do que se busca inicialmente. Os encontros dificilmente são resultado do que buscamos. Os encontros são da ordem do acaso, do que eles querem que aconteça. (Des)encontros que tratam de processos impossíveis de se equilibrar, que percorrem os liames do rizoma com velocidades e lentidões, em “[...] um ziguezague que desliza ‘entre’” (DELEUZE; PARNET, 1998, p. 27). E, nesse movimento ziguezagueante, estão os detalhes do cotidiano, imperceptíveis e/ou invisibilizados por aqueles responsáveis em “formular currículo”.

Não é um encontro qualquer, mas é um encontro entre qualquer coisa, com qualquer coisa. Uma vibração, um alvoroço de encontros que vai repercutindo em efeitos por entre as redes de linhas que nos ligam à experiência de um encontrar-se que não se esgota. Uma violência, um acaso, um encontro estranho que provoca um modo de invenção sensível. Essas transpassagens parecem ecoar dobras e desdobras que pulsam em uma dupla-captura de experiência de encontros. Dobras quase sempre rebeldes, de fios condutores problemáticos. Parece que elas implicam quebradiços segmentos de fios sensíveis às circunstâncias das ocorrências, abrindo jogos de forças e de tensões. Um encontro com aquilo que força a pensar e a sentir. Vida e pesquisa como artes do encontro. E, o que é a educação, se não um encontro de tantos signos, de tanta coisa, tanta gente, tanta vida? Encontros entre pessoas, objetos, sentimentos, falas, desejos, sensações, movimentos, signos. Cartografia dos encontros.

O pesquisador deseja a escola, por risco e por diversão. Busca um território empírico que possa dar o mínimo de consistência a uma teoria, a uma tese de linhas tênues. Aprendizagens obtidas ao acaso, após inúmeras tentativas, de um conhecimento conquistado por meio de ações não planejadas, pelas experiências cotidianas, em uma relação descontínua das pessoas com as coisas, com os objetos, com o humano e o inumano. Resultados produzidos em meio aos acasos, que podem ser considerados incompletos, carentes de objetividade. Mas, mesmo assim, continuamos na defesa de uma pesquisa imprevisível, pois a escola também é. Portanto, talvez, nem existam resultados, mas apenas efeitos.

Diante disso, pesquisar com os encontros se torna uma aposta, sabendo que conceitos e problematizações são possíveis, mas, ao mesmo passo, admitimos que não existem verdades únicas ou absolutas e nem as queremos fazer existir. O cotidiano acontece em meio às

situações corriqueiras, ao que está sendo feito, nos entrelaçamentos das redes de relações nos diferentes territórios vividos que compõem a escola e tudo que ela envolve. Seguimos as pistas dos encontros para buscar uma forma de vida mais potente, não focada na semelhança, mas na diferença. Uma arte de viver que anseia por modos libertários de vida e de educação em qualquer lugar que ela aconteça. Arte que viaja até o seio do caos para retirar dele alguma coisa: “A arte luta com o Caos, mas para torná-lo sensível” (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 241).

Portanto, o nosso objetivo se consiste em pesquisar com os encontros em intercessão com a pesquisa com os cotidianos (FERRAÇO, 2003), na busca de uma forma de falar de uma educação que está em toda parte, cartografando os processos de produções curriculares intensificados pela potência dos encontros como afirmação de uma vida inquietada e atravessada pelos devires que forçam o pensamento em busca da não subordinação. Assim, os encontros estão emaranhados aos movimentos experienciados nas escolas, o que corrobora para a intensificação dos processos de criação e de resistência na composição dos currículos.

E se a educação e os currículos fossem pensados a partir desse e de outros encontros que jogam nosso corpo precipício abaixo? Não se trata de uma soma ou de uma reunião de corpos. Se tratam de composições, combinações, que não pretendem prender um corpo ao outro, mas potencializar ambos. Pesquisar com os encontros é assumir o risco das descobertas, das improvisações, dos corpos abandonados no vácuo, de uma aceleração constante. Pesquisar como arte do encontro e da composição, na qual o que importa não é a forma ou a substância, o sujeito ou o objeto, mas o que se passa entre os diferentes corpos que habitam uma escola, um currículo, uma pesquisa.

**Palavras-chave:** Pesquisa com os encontros; cotidiano(s); educação; cartografia.

## REFERÊNCIAS

DELEUZE, Gilles. **Diferença e repetição**. Rio de Janeiro: Graal, 2006.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs**. São Paulo: Editora 34, 2012. v. 4.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O que é a filosofia?** São Paulo: Editora 34, 2010.

DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. **Diálogos**. São Paulo: Escuta, 1998.

FERRAÇO, Carlos Eduardo. Eu, caçador de mim. In: GARCIA, Regina Leite (org.). **Método: pesquisa com o cotidiano**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. p. 157-175.